

Alice Ferraz*

O poder da fala e da escuta

Em meses de conversas ao telefone e longos Zooms, a fala se tornou quase a única ferramenta para a comunicação profissional. Finalmente entendi que, na magia do encontro presencial, nossos sentidos ficam despertos e percebemos a exata perda de qualidade que essa falta física significa para a comunicação.

O efeito não verbal, como da imagem do espaço usado em uma reunião, do gosto do café servido, dos perfumes do ambiente e das pessoas, além das roupas usadas

publicamente, faz parte de um sistema de comunicação que extrapola a linguagem e contribui para o encantamento e o entendimento da mensagem falada.

Durante a última semana, apreensiva em conseguir construir pontes com uso exclusivo da fala, descobri uma enorme falha na aplicação das palavras certas para compreensão de uma equipe que hoje trabalha em home office a maior parte do tempo. Sabemos falar, mas temos imensa dificuldade em nos comunicar de maneira assertiva. Falamos, mas não ouvimos. Reuniões vir-



tuais usam o melhor da tecnologia para nos aproximar, sem o melhor uso da linguagem para nos conectar. Segundo o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), "os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo". Ampliar a linguagem é necessário para o entendimento do mundo, nosso e do outro.

Sei, por experiência, que mensagens construídas por canais de mídias sociais, formas "instantâneas" de comunicação, nos levam a informações rápidas, que nos fazem ganhar um tempo importante e agilidade necessária. Mas quem constrói seu raciocínio e interações pautado só por essas ferramentas tende a enfraquecer o desenvolvimento de uma linguagem argumentativa com conversas e troca de ideias.

Fica clara em nossas conversas em grupos de WhatsApp a velocidade das

respostas automáticas e a falta de tempo para reflexão. "Devemos manter um silêncio dentro da alma para ouvir o outro sem ter logo um palpite melhor para dizer. Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante da nossa arrogância e vaidade", diria o saudoso escritor Rubem Alves (1933-2014).

Talvez a escuta e o ato de estabelecer uma pausa para a resposta sejam saídas e oportunidades para voltarmos a valorizar a fala e a importância da linguagem.

Ouvir para que a conversa volte a acontecer. A notícia publicada esta semana de que líderes de 27 países da Comunidade Europeia se uniram em mais de 90 horas de conversas para conseguir chegar a um acordo pode ser usada como exemplo. Afinal, conversar e não só falar requer tempo.



TÉCNICA AJUDA A CRIAR BONS PAPOS

Empreendedora brasileira lança projeto que estimula a conversa sobre relevantes temas sociais

Alice Ferraz

A capacidade de falar é uma das primeiras habilidades aprendidas por nós, seres humanos. Nos primeiros anos de vida, somos capazes de verbalizar nossos desejos, angústias e alegrias — o que facilita, e muito, a comunicação com o mundo. No entanto, o ato de conversar exige maior desenvolvimento mental: no colégio, por exemplo, aprendemos que uma conversa exige no mínimo dois interlocutores, um meio, que pode ser físico ou digital, e uma mensagem. Mas desenvolver habilidades de conversa não é uma tarefa tão simples quanto parece. Um bom papo envolve referências, o uso correto da linguagem, conhecimento de diferentes termos e pessoas dispostas a ouvir e a trocar experiências.

Com isso em mente e uma profunda vontade de contribuir com a sociedade, Tipiti Simonsen Barros, executiva com carreira de sucesso na comunicação, resolveu se lançar em um novo caminho e empreender. Em 2018, lançou o FikaConversas, uma nova empreitada criada para estimular boas conversas e trocas de ideias. Tipiti buscou em cursos de Comunicação Não Violenta, Escuta Lúdica e Design

Thinking as ferramentas para desenvolver uma metodologia que leva conversas a lares e empresas por todo o Brasil.

O nome do projeto parte da palavra sueca Fika, uma forma de convidar alguém para uma conversa sobre a vida. Papos esses que, quando organizados pelo FikaConversas, seguem uma fórmula que ensinam pessoas a conversar. As rodas de conversa duram aproximadamente uma hora e são conduzidas por um anfitrião, que se certifica de que todos têm seu espaço de fala, enquanto os demais devem ouvir. O tema das interações são tirados da chamada Caixa de Palavras, com cards ilustrados e uma breve explicação do assunto.

Os papos organizados pelo projeto partem de alguns preceitos básicos, que incluem estimular a escuta, o não julgamento prévio, abrir a mente para opiniões diferentes, provocar o empoderamento pessoal e humanizar ambientes. Com a chegada da pandemia e as recomendações de distanciamento social, Tipiti Barros levou suas conversas para o ambiente virtual, organizando encontros por videochamadas. "Depois do encontro #Fikaconversas, os parti-



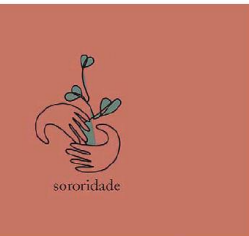
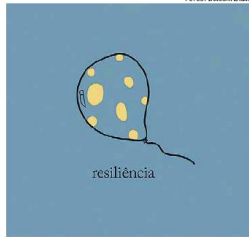
cipantes entendem que muitas vezes aprendemos a falar, mas praticar a escuta ativa, ou seja, prestar real atenção a quem fala. É o começo de um processo importante de empatia e um campo aberto para uma conexão real entre as pessoas.

Ao levar o projeto pelo Brasil, a empresária também notou a

oportunidade de introduzir em suas rodas de conversa palavras contemporâneas, que expressam o espírito do nosso tempo, relacionadas a assuntos como identidade de gênero, empatia, empoderamento feminino, sororidade (fraternidade entre mulheres) e racismo. "Percebi um descompasso nas visões de mundo de várias pessoas que não sabiam os significados de termos que utilizamos atualmente. É possível perceber claramente quando a pessoa não sabe o significado de algo e fica se protegendo do não saber — isso afeta a conversa. Então, mapeei essas palavras, escrevi seus significados e juntei as pontas."

Recentemente, o projeto ganhou uma nova vertente no que tange a diversidade e a in-

Tipiti Simonsen Barros. Criadora do FikaConversas: nas rodas de conversas, ela introduziu palavras do nosso tempo, como sororidade e resiliência



clusão. Após participar de um evento em que notou a necessidade de se falar mais sobre questões raciais, a idealizadora do FikaConversas convidou a coach e palestrante Ana Minuto para ser sua parceira em rodas de conversa que se iniciam com a chamada: "Você já conversou com uma mulher negra sobre racismo?". Com isso, a Caixa de Palavras ganhou novos cards com termos como "Racismo Estrutural", "Branquitude" e "Colorismo", ampliando as conversas sobre assuntos importantes e necessários. Se "os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo", como dizia o filósofo Ludwig Wittgenstein (1889-1951), então o FikaConversas e sua metodologia podem contribuir para expandir um novo universo sem limites.

Retratos da moda

SEMANAS DE MODA INTERNACIONAIS SEGUEM COM SEUS LANÇAMENTOS VIRTUAIS DAS COLEÇÕES CRUISE E ALTA-COSTURA



Dior. A marca francesa apresentou sua coleção Cruise 2021 em um desfile realizado na cidade de Lecce, na Itália, e mostrou o trabalho artesanal local como ponto de referência



Gucci. A coleção chamada 'Epilogue' encerra uma história construída pelo diretor criativo, Alessandro Michele, para se libertar das regras da moda



Valentino. A coleção de alta-costura contou com direção do fotógrafo de moda Nick Knight, que, em parceria com o diretor criativo da marca, Pierpaolo Piccioli, mescla arte, moda e tecnologia

pressreader